


AS DEMANDAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA PG BRASILEIRA PELA METÁFORA DO CAVALO DE TROIA E PELO CONCEITO DE SABOTAGEM

Ms. Juliano Bona  0000-0001-7180-2041

Secretaria Municipal de Educação de Timbó/SC

José Marcelo Freitas de Luna  0000-0002-1212-7899

Universidade do Vale do Itajaí

RESUMO: Analisar as demandas de internacionalização nos cursos de pós-graduação no Brasil ultrapassa as relações econômicas entre oferta e demanda; a expressão da procura está na geologia discursiva pós-moderna. Desta forma, nosso objetivo é discutir as demandas de internacionalização nos programas de pós-graduação brasileira em uma perspectiva filosófica. Trata-se de um texto ensaístico. Primeiramente, descrevemos as relações entre sociedade e educação em uma perspectiva rizomática. Estratos, agenciamentos, linhas de força formam o pano de fundo que expressa os movimentos do desejo, as demandas de internacionalização no espaço da educação. Logo em seguida, analisamos o espaço

rizomático em nível de subjetivação. Desta rotação, surgem as figuras do sujeito capitalista, construtor e a da sabotagem, demandas que se estreitam em uma dimensão subcutânea. Depois de sinalizar as demandas e seus estratos, fechamos a análise com a edificação dos problemas iniciais vinculados à perspectiva de internacionalização. Nesta esteira, as demandas se justificam não apenas pelos agenciamentos discursivos, como também pela geografia, os locais onde os problemas são criados. As possibilidades de respostas, as soluções aparecem antes dos problemas que esta perspectiva constrói no espaço da educação. A inversão existe; pode ser um símbolo, sabotagem, um presente, um cavalo dado à Troia.

PALAVRAS-CHAVE: Demandas de internacionalização; Pós-graduação no Brasil; Sabotagem.

THE DEMANDS OF INTERNATIONALIZATION IN THE BRAZILIAN PG BY THE METAL OF THE HORSE OF TROIA AND BY THE CONCEPT OF SABOTAGE

ABSTRACT: The analysis of the demands of internationalization in postgraduate courses in Brazil is a process which goes beyond the economic relations between supply and demand; the expression of demand appears in postmodern discursive geology. The objective of this essay is, thus, to discuss the demands of internationalization in Brazilian graduate programs in a philosophical perspective. First, we describe the reactions between society and education in a rhizomatic perspective. Strata, agency movement, lines of force form the background that expresses the desires, the demands of internationalization in the space of education. Next, we analyze the rhizomatic space at the level of subjectivation. From this

rotation comes the figure of the capitalist subject, builder and sabotage, demands that narrow in a subcutaneous dimension. After signaling the demands and their strata, we close the analysis with the construction of the initial problems linked to the internationalization perspective. In this vein, the demands are justified not only by discursive agency movements, but also by geography, the places where problems are created. The possibilities of answers, the solutions appear before the problems that this perspective constructs in the space of education. The inversion exists; it can be a symbol, a sabotage, a gift, a horse given to Trojan.

KEYWORDS: Internationalization demands; Post-graduate studies in Brazil; Sabotage.



1 AS DEMANDAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Vale destacar o significado da palavra demanda por seu demasiado uso em diversas áreas. Sua atualização constante pode provocar pontos de saturação e difusão que tornam seu significado transparente, um vidro fosco que esconde seus agenciamentos. Desta forma, traçamos o significado de demanda no sentido da manifestação de um desejo, ação de procurar, diligência. Pensar as demandas de internacionalização nos programas de pós-graduação, ou até mesmo de forma mais ampla no campo da educação, não se limita apenas à relação, talvez a mais comum delas, entre oferta e demanda. Sabemos que, diante de uma análise econômica, no mercado das relações entre oferta e demanda, esse sistema tende a entrar em equilíbrio, ou seja, a oferta se iguala à demanda das balanças que estabilizam o mercado econômico. Estas relações, de certa forma rígidas, nos permitem sustentar a estabilidade, oferta – procura, oferta-desejo, produção-desejo-preço, dentre outros mecanismos de estabilização.

Porém, este tipo de análise das demandas nos permite pensar no espaço de observação. Estamos, diante das relações supracitadas, de um pequeno espaço de observação onde as justificativas se articulam a um equilíbrio econômico de estabilização do mercado. A mais comum das análises que envolvem a palavra demanda, o ambiente econômico, serve, nesse momento, para desestabilizar as forças que agem em nós e contaminam o imaginário com figuras dadas a priori. Estas, por sua vez, exercem o poder de edificar as perguntas em função das respostas já dadas, como, por exemplo, pela economia e a tendência de igualar oferta e demanda.

A demanda de internacionalização no espaço da educação ou, de forma mais específica, nos programas de pós-graduação brasileiros ultrapassa o campo econômico; a opacidade do vidro aumenta se pensarmos nas dinâmicas sociais, nos discursos e sujeitos resultantes. As variáveis que justificam a demanda



envolvem uma complexidade que nos permite tocar em alguns pontos na direção da inteligibilidade do fenômeno. A intenção se justifica pelo contato com o fenômeno. Pensar nas demandas de internacionalização na educação envolve as dinâmicas sociais e o surgimento desse fenômeno nesse tecido; processos que pertencem ao espaço educacional e sua interação com a sociedade em uma relação de força descontínua que atualiza a demanda de internacionalização por meio do desejo. Estas relações nos permitem construir um platô, e observar os aspectos de alinhamento e interesse econômico absorvidos pela educação, ou pelas dinâmicas positivas de empoderamento das minorias e culturas marginalizadas.

Desse modo, se as demandas de internacionalização são provocadas por um eco econômico que visa à estratificação da diferença que se acopla ao espaço educacional, ou por um desejo positivo de inclusão provocado pelas minorias, nos movimentos oscilantes de procura de um ponto de legitimação social, visibilidade de existência, podemos, diante destes estratos, pensar em um movimento de sabotagem, Spivak (2014), um cavalo, um presente dado à Troia. A dicotomia se rompe nesse momento; as demandas de internacionalização surgem pelo desejo de sabotar, edificar a diferença, subverter as hegemonias contra elas mesmas.

Nosso objetivo é discutir as demandas de internacionalização nos programas de pós-graduação brasileira em uma perspectiva filosófica. Para isso, descreveremos as relações entre a sociedade e a educação, no que se refere a um movimento de elevação do termo em um espaço de procura. Aspectos de subtração da realidade criativa que pertencem aos diferentes espaços educacionais e aspectos positivos que envolvem o crescimento epistemológico, a partir do contato entre as diferentes culturas, são trazidos à baila no percorrer da análise. Em outro momento, observamos a demanda por meio do desejo de sabotagem, a procura da internacionalização como subversão, como vazamento das máquinas capitalísticas, que, ao funcionarem, produzem seu próprio



colapso. Procuramos uma camuflagem, um cavalo, um mito que sabote as linhas de racionalização.

2 AS DEMANDAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA SOCIEDADE E NA EDUCAÇÃO

Nossa sociedade é rizomática, múltipla, abstrata. Linhas que são agenciadas e estratificadas a todo momento. Quando de forma oposta pensamos na sociedade como um conceito, feito de imagens representacionais, e que muitas vezes se transformam em sistemas analíticos causais, explicações contínuas que escondem a descontinuidade do mundo, construímos um campo de lentidão, baixas temperaturas, tudo se move lentamente. Porém, abstrair a sociedade a nível rizomático de conexões infinitas nos leva a pelo menos duas consequências. Se a sociedade é um rizoma, como afirmam Deleuze e Guattari (2014), não existe possibilidade de fixar pontos de análise pela própria natureza rizomática. Nesse contexto, temos apenas linhas de força que se cruzam e se atualizam; há um processo contínuo de estratificação discursiva que se move entre os afetos imanentes. A segunda é que se as sociedades em nosso momento histórico funcionam por meio de linhas complexas geograficamente situadas, os sistemas discursivos que funcionam em nível global, como os movimentos neoliberais, se prestam a agenciar as forças das linhas rizomáticas que emanam do tecido social em uma arquitetura de realidade. Dito de outra forma, a locomoção das conexões se alinha a um jogo de interesses fabricados, que agenciam as subjetividades na feitura de um sujeito que entra em devir neoliberal, capitalista.

Deste modo, qualquer conexão não prevista pelo sistema de agenciamento global, como o neoliberalismo, ou os cabos de fibra ótica que nos amarram em uma ponta da malha são realinhados. Assim, os agenciamentos capitalísticos, como afirmam Guattari e Rolnik (1996), se alimentam das conexões rizomáticas



que emanam da complexidade de nossas sociedades, porém, diante de qualquer ruptura, ou ameaça do sistema capitalístico, os agenciamentos são remodelados, domados, alinhados ao interesse do capital global. Podemos pensar no capitalismo neoliberal como uma grande máquina nômade, que absorve, agencia qualquer movimento revolucionário, cultural, em função de redirecionar sua energia a interesses próprios.

E é nesta linha de força que se agarra a internacionalização. Se pensarmos a internacionalização como uma corrente epistemológica, construída sobre um conjunto de métodos, que tem como objetivo sistematizar a entrada dos movimentos interculturais na educação, estamos diante de um discurso estratificado que captura a potência singular das culturas consideradas não existentes. A própria não existência, diante dos olhos hegemônicos já estratificados, principalmente na área da ciência racional e arrogante, é que se caracteriza a potência transformadora que desloca a grande máquina do capitalismo na direção do agenciamento, do alinhamento das forças singulares que emanam das culturas periféricas. Esta parece ser uma das funções do discurso de internacionalização que circula nos programas de pós-graduação no Brasil e na educação de forma mais ampla.

A necessidade de agenciar coloca os temas relacionados à internacionalização como uma linha que diminuía a potência do diferente vinculado às culturas invisíveis, justamente por conectar a potência rizomática a este processo, e abrir a possibilidade de criação de sujeitos que se apropriem desse discurso que agencia. A demanda está criada, as potências culturais invisíveis não nomeadas são batizadas. Desta forma, a gênese não está apenas no capitalismo, mas no desejo de agenciar a potência transformadora do diferente. A grande máquina capitalista opera em um sistema de acoplagem, onde as linhas de força se acomodam às culturas marginais, a diferença externa aos discursos estratificados; aqueles que emanam das marginalidades ganham um representante que imita seus movimentos no palco das estruturas já colonizadas pela razão indolente, para usar o termo de SANTOS (2002).



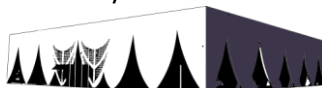
Afirmar que a demanda de internacionalização nos programas de pós-graduação no Brasil é provocada por um alinhamento rizoma – capitalismo – agenciamento significa dar um passo atrás dos interstícios dos acontecimentos que podem ser observados nas universidades e na sua relação direta com o capitalismo neoliberal contemporâneo. Santos (2019) menciona que as universidades na pós-modernidade estão a serviço do capitalismo neoliberal. Afirmar ainda que quase tudo que é produzido, pesquisado, debatido nos centros de pesquisa das universidades contemporâneas, os departamentos considerados de sucesso, estão diretamente a serviço da lógica do capital, inclusive na ampliação do capital financeiro. São as empresas virtuais e sua produtividade, que, por sua vez, deslumbram apenas um futuro, ou seja, aquele articulado à ideia de capital eterno, que desloca qualquer tentativa de pensar a universidade sem estar ligada ao sistema de produção neoliberal. É a produção de conhecimento a serviço de uma lógica de dominação, não apenas de conceitos, tecnologias, ou artefatos, mas também na produção de subjetividades capitalísticas, como afirmam Guattari e Rolnik (1996).

Subjetividades capitalísticas, linhas de força rizomáticas, agenciamentos de acoplagem do externo cultural via internacionalização são alguns dos campos de flutuação descontínuos, que nos fazem pensar nas demandas de internacionalização nos programas de pós-graduação no Brasil. Seguindo este caminho, a demanda se justifica pela necessidade do próprio movimento capitalístico global de agenciar as forças incontrolláveis que circulam nas culturas periféricas. Porém, esta relação não é direta; existe a necessidade de formação, legitimação de agentes que defendam a internacionalização dentro de uma instituição que tenha o poder de cifrar, não apenas as linhas de força capitalistas que vêm de fora, mas que se proponha a marcar a pele de um conjunto de sujeitos que serão os próprios representantes do diferente, das culturas periféricas que gravitavam em outro espaço. É no espaço da educação que tudo parece terminar; cifra, sujeito e as demandas provocadas pelos atritos das linhas rizomáticas.



Domadores dos discursos periféricos e culturalmente localizados. Esta é a função dos sujeitos que desenvolvem em si a demanda de internacionalização no espaço educacional e nos programas de pós-graduação no Brasil. Deste ponto de vista, as demandas se justificam pela negatividade, por uma necessidade criada fora, em um ambiente rizomático agenciado pelos interesses da máquina capitalística. Deste modo, os sujeitos que pulverizam os cursos de pós-graduação no Brasil, aqueles vinculados à perspectiva de internacionalização são o produto de um achatamento, negatividade do potencial criativo das forças não estratificadas que pertencem às mais diferentes culturas invisíveis aos discursos hegemônicos. Repetição, poder, eco, necessidade de agenciar o diferente por meio de discursos preparados para estratificar o que ainda não foi nomeado. O agenciamento se transforma em agente, educador, representante da diferença no topo hierárquico da educação.

A gênese, o rizoma, o capitalismo neoliberal e o desejo de agenciamento, última instância do projeto concluído, justificam a demanda em um espaço de eco, de negação do sujeito pela saturação do agenciamento vindo de fora. Doravante, de alguma forma explicadas pelos encontros das linhas rizomáticas, ou como referem Deleuze e Guattari (2015), quando afirmam que a máquina capitalista, ao funcionar por meio de agenciamentos, está sempre vazando, gotejando, deixando escapar energias que se perdem na locomoção. É esta sobra repulsiva, este refugio de um material descartável que sobra ao sujeito – sua câmara secreta. Diante dos agenciamentos que justificam a demanda de internacionalização na educação, por meio da negação do sujeito preso a uma lógica capitalista, uma produção discursiva que transforma em substantivo aquilo que está no campo dos sem nomes, surgem os vazamentos, o desejo de negar a diferença domesticada. Ciência, epistemologia, filosofia e sociologia formam uma espécie de alavanca de Arquimedes – um ponto seguro de apoio é capaz de locomover o mundo. O vazamento provocado pelos agenciamentos capitalistas, a alavanca, o tradutor, passam a justificar as demandas de



internacionalização no espaço da educação e nos programas de pós-graduação no Brasil.

Os estudos culturais ganham força no espaço da educação em nosso momento histórico. Nesse contexto, a internacionalização parte de outro local. Se a demanda, como analisamos anteriormente, se articula às demandas do capitalismo no meio educacional, este segundo tem como referência os estudos culturais. Candau (2002) menciona que os estudos culturais nasceram fora dos muros das escolas e das universidades. A força de inserção destas discussões no espaço educacional, ou seja, que existem diferentes culturas e todas apresentam graus de positividade nos saberes compartilhados pelos sujeitos que a representam, forma um paralelismo entre a defesa da existência de diferentes culturas e os processos de internacionalização que se efetivam nos programas de pós-graduação no Brasil. Não existe uma oposição entre o sujeito que deseja, ou procura pelos discursos sobre internacionalização, como um eco de necessidade que o controla à distância via lógica capital, e uma força, aparentemente inversa, que coloca o sujeito desejanste na esteira dos estudos culturais. Esta dicotomia pode existir, e acreditamos que em alguns momentos ela se atualiza nas cartilhas de internacionalização que circulam nas universidades vinculadas a alguns cursos. Entretanto, se pensamos a sociedade como um rizoma, as linhas de agenciamento capitalistas e aquelas que se vinculam aos estudos culturais estão ambas estratificadas em uma lógica de agenciamento. As diferenças entre as duas não estão na estratificação, no agenciamento do sujeito como negativo, como falta. A diferença está no devir: a primeira se prende a um devir capital, a segunda, a um devir cultural pautado na diferença por ela mesma.

Ambas se estratificam. A diferença está na vinculação do sujeito na causa, seu lugar na elaboração dos saberes culturais em devir. A demanda, nesse sentido, está vinculada à necessidade de criação em um sentido filosófico, como “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE E GUATTARI 2010, p.10). O vazamento das máquinas capitalísticas permite construir uma alavanca com ponto de apoio na filosofia. O sujeito, nessa direção, não é apenas



um agente de uma linha rizomática codificada pelo neoliberalismo; sua velocidade é sempre maior que a cifra. E é neste ponto que podemos pensar a internacionalização como espaço de construção. Se, como afirmam Deleuze e Guattari (2010), pensamos apenas em raros momentos de violência simbólica, nos encontros e afetos que firmamos na imanência, a demanda de internacionalização se atualiza diante dos atritos produzidos no impacto com a diferença cultural. É diante do espanto, no horizonte de acontecimentos não planejados, que a consciência, em um duplo movimento, percebe a si mesma como produto cultural, e a existência de um mundo fabricado para não existir.

São os sujeitos de rostos franzidos diante do espanto, aqueles que carregam a alavanca de Arquimedes e buscam uma ponte de apoio na filosofia, nos estudos culturais, ou na sociologia, que marcam a passagem do desejo pela internacionalização como eco do capitalismo em nível de subjetivação, para um sujeito que está em devir construtor, intérprete da diversidade cultural que se expressa no campo da educação. O sujeito interpelado pelos agenciamentos maquínicos capitalistas passa, de alguma forma, diante da saturação das violências simbólicas que o constroem, desvia o olhar do julgamento imperativo hegemônico, a dobrar as linhas de força rizomáticas. E é em uma espécie de topologia das dobras que os agenciamentos se reconstruem: a passagem está completa; estamos prontos para a transição: espaço rizomático, geometria fractal.

No que se segue, não estamos livres dos espaços estratificados pelo capitalismo, ou qualquer outra instituição que agencia os discursos de verdade. No entanto, pensar em um sujeito que atua nas dobras das linhas de força, que podem ser discursos com diferentes altimetrias, é retomar a capacidade do sujeito de criar e mudar seu ambiente de contato. A passagem do rizoma, como espaço social composto por linhas sensíveis, para uma geometria fractal. Trata-se de manter a velocidade dos acontecimentos sociais e seus agenciamentos, e considerar ao mesmo tempo o que pode ser analisado diante das trocas. Santos (2002) menciona que o trabalho de tradução consiste em construir linhas de



inteligibilidade entre as diferentes culturas. Neste momento, novamente temos a passagem do espaço de interação complexo entre as diferentes culturas, para um espaço geométrico fractal sintetizado pela palavra inteligibilidade. Construir inteligibilidade no ato de tradução, nesse sentido, é traçar linhas que articulam diferentes culturas em um terceiro local compartilhado.

Não negamos o agenciamento; a demanda de internacionalização no espaço educacional pode estar articulada aos preceitos capitalistas, como também se aproxima de um tipo de estrutura geométrica que pressupõe a estilística de um sujeito, que, a partir desses encontros, expressa sua afirmação como criador, em linhas que entram em devir de internacionalização no espaço da educação. A potência que justifica a demanda não está firmada nos agenciamentos externos, capitalistas, mas no sujeito que se tornou refugio, subalterno de uma massa nervosa e ansiosa pelo consumo (DELEUZE E GUATTARI, 2010). Construir um paralelismo entre a demanda de internacionalização dos cursos de pós-graduação no Brasil via eco capitalista anômico, e como processo de absorção de sujeitos violentados por aquilo que constitui sua subjetividade simbólica, parece, a princípio, dicotômicas. Porém, como frisamos anteriormente, não existe esta separação limpa. O ponto a ser observado está na diferença, no não dito, no silêncio do discurso objetivado. A primeira se articula à ideia de um sujeito transparente, achatado, eco, o segundo, por sua vez, carrega as cifras de sua codificação, mas que, em outro nível, está em devir, em movimento, em uma geometria fractal que cobre a escuridão do não visto. O primeiro sujeito, o do capital anômico, espelha a luz da racionalidade, ilumina o espaço arrogante e constrói uma relação de pertencimento com os discursos de internacionalização. O segundo nasceu na escuridão, vive a tatear, a luz o encosta, mas apenas em lapsos de segundos. Sem voz, o subalterno percebe a potência do discurso de internacionalização, o desejo, a demanda surge no escuro criativo dos pesquisadores que carregam em punho suas lanternas – luz contra luz, uma externa e a outra, interna.



Estamos à procura de expressões que nos permitem pensar sobre as demandas de internacionalização no espaço da educação. Os discursos que analisamos não cobrem a dinâmica de encontros que empurram professores, gestores, personagens da educação, a perspectiva de internacionalização, e mais especificamente, aos cursos de pós-graduação no Brasil. Quando aproximamos a análise em nível subjetivo, as variáveis aumentam na mesma proporção. Desta forma, a observação analítica não se vincula a um propósito que procura causa e efeito. Estamos diante de expressões que deslizam entre os fios rizomáticos que, em nível de inteligibilidade, se dobram em uma espécie de geometria fractal. Existem muitas dobras, todavia, como afirma Santos (2002). Vivemos em um momento histórico saturado por uma série de discursos racionais hegemônicos que foram cultivados a partir do século XVIII na Europa. A força da ciência eurocêntrica e a sua potência espectral aumentada pela lógica capitalista enchem o ar que respiramos na sociedade e no espaço da educação. Nesse contexto, pensar as demandas de internacionalização onde o capitalismo e o discurso emancipatório se misturam é retomar o envenenamento racional que recebemos de um passado luminoso. E é nesta direção que seguiremos na próxima seção, ou seja, pensar a demanda de internacionalização como um desejo de sabotar o discurso hegemônico racional e capitalista que não pode ser negado, que está na nossa pele, no olhar. Mas, e ao mesmo tempo, observar a estética que permite sabotar as arquiteturas hegemônicas por meio de linhas conhecidas, um cavalo, um presente dado à Troia.

3 O CAVALO DE TROIA COMO ESTRATÉGIA DE SABOTAGEM

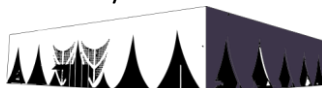
Quando pensamos em estratos, agenciamentos, formas de captar o diferente culturalmente produzido nas periferias, estamos mais próximos da geologia do que da genealogia. Não se trata de observar a origem dos estratos, seu ponto de aparição em um espaço supostamente a-histórico. Estamos à procura de camadas, o que está acima e embaixo dos discursos, agenciamentos



que pertencem à história e se atualizam a todo momento. Podemos argumentar no sentido de que todo estrato tem uma história e seu tempo favorece a captura do que não foi estratificado. Acreditamos ser esta uma variável a ser considerada, porém não é esta força que determina a geologia das camadas que compõem nosso tempo histórico.

Desta forma, pensar as demandas de internacionalização nos cursos de pós-graduação no Brasil perpassa, como vimos anteriormente, o plano rizomático e os estratos que agenciam o diverso, as diferenças que existem nas diagonais que cortam as camadas geológicas. Nesta esteira, as demandas de internacionalização se estratificam por meio de um eco capitalista, achatamento das subjetividades guiadas por linhas de força que legitimam a possibilidade de nomear os conhecimentos culturalmente não reconhecidos, em um sistema que retoma a importância das escolas e universidades em um mundo que se diz global. Em outra camada, temos os estratos emancipatórios, sujeitos construtores, tradutores que se filiam a perspectivas críticas no campo da sociologia, filosofia e outras áreas do conhecimento que tornam este processo positivo em nível de subjetivação. Dois estratos que expressam os agenciamentos, ou a demanda de internacionalização na educação brasileira. Vale sublinhar Deleuze e Guattari (2014, p.70) quando afirmam que “os estratos eram capturas; eram como “buracos negros” ou oclusões que se esforçam para reter tudo que passa ao seu alcance”. Diante desta força gravitacional, os estratos podem se misturar, colidir, gerar outras combinações não observáveis.

Combinação, torção, encontros rizomáticos. É neste contexto que surge um terceiro estrato que expressa a demanda de internacionalização na educação. Assumir as características rizomáticas como pano de fundo do que nomeamos como sociedade não é suficiente para pensarmos em uma perspectiva pós-colonial. Precisamos retomar as condições sócio - históricas, culturais, que fazem parte da edificação deste ponto de observação. Bauman (2010) menciona que vivemos em um período histórico chamado pós-moderno. A pós-modernidade não se caracteriza apenas pela falência dos discursos rígidos de



racionalização, ou no afrouxamento das relações sociais e subjetivas. A pós-modernidade atua como uma espécie de retorno do esfacelamento dos discursos de racionalização culturalmente situados, hegemônicos. “A visão pós-moderna do mundo é, em princípio, a de um número ilimitado de modelos de ordem, cada um gerado por um conjunto relativamente autônomo de práticas” (BAUMAN 2010, p. 19). Deste modo, a pós-modernidade coloca, na mesma esteira, estruturas e modelos de ordem, muitas vezes ligados à ciência e ao processo de racionalização do mundo, processos capitalísticos e à unificação de uma única percepção do mundo, de seu futuro. E é neste ponto em que os mecanismos de homogeneização global ganham força. O mundo está em preto e branco.

Já fomos colonizados. Mesmo que as culturas singulares continuem a gerar diferentes conhecimentos, a contaminação epistemológica, nas palavras de Bauman (2010), enche os menores espaços, se transforma no próprio ar que respiramos. Admitir a não marcação das diferentes culturas, suas relações de dentro e fora, suas geografias globais, seus limites externos e internos, nos remete a dois caminhos. Ou retornamos ao passado, ou seja, saímos à procura dos limites, das condições que permitem a demarcação das diferentes culturas, ou observamos o fenômeno da diversidade cultural em outra dimensão. Em uma dimensão que permita não abandonar a existência de diferentes culturas, mas que, ao mesmo tempo, possibilite pensarmos nos processos de colonização, o apagamento das cores das diferentes culturas em virtude da existência de uma única forma de existir, de pensar, de observar o mundo. Os processos de subjetivação capitalísticos, imbuídos de sua racionalidade, preenchem, nesse sentido, o horizonte geográfico, o fora e o dentro se deslocam, não estão mais no cenário observável pulverizado por diferentes culturas; é o sujeito que se faz dentro e é a colonização que prepara a estética da existência, o fora.

Diante de um cenário global, pressupondo a existência de diferentes culturas, porém, de forma não marcada, onde o dentro e o fora estão próximos das relações de subjetivação em um ambiente pós-colonial, situamos o terceiro movimento que expressa a demanda de internacionalização nos cursos de pós-



graduação no Brasil. Trata-se de linhas de força capitalista, processos de colonização, desejo de emancipação, afirmação da subjetividade construtora e o papel da filosofia como ponto de apoio para a alavanca de Arquimedes. Se vivemos em um momento histórico onde as separações não são nítidas, as culturas não são visivelmente percebidas, e se ao mesmo tempo existe um processo de colonização racional, capitalista, que enche o ar que respiramos, o que nos resta é sabotar. O que nos resta é utilizar as ferramentas coloniais hegemônicas contra elas próprias. Pensemos em Troia.

O cavalo de Troia faz parte da mitologia Grega e descreve a estratégia cunhada por Ulisses para invadir Troia. Trata-se de um cavalo construído pelos Gregos, um símbolo, um presente pela vitória da grande guerra travada pelos dois povos. Porém, no interior do símbolo triunfante os soldados se escondiam para posteriormente invadir Troia. Mito, metáfora, senso comum, o cavalo de Troia simboliza uma espécie de sabotagem. Sabotagem estética, que no interior do troféu esconde a potência do combate vencido. É importante destacar que o cavalo de Troia se alinha esteticamente à cidade de Troia. Suas linhas, construção, símbolo de vigor e soberania por meio da figura do cavalo se adaptam às linhas legitimadas pela cidade. Esteticamente, o presente grego parecia pertencer às paisagens da cidadela. Feito esse alinhamento, ou melhor, depois de construir a noção de pertencimento, os troianos passaram a acreditar que o cavalo de madeira lhes pertencia, um troféu, uma joia que expressa sua soberania. A sabotagem grega estava completa, o aceite representava o desejo pelo cavalo de Troia plantado no coração dos troianos pelos gregos.

O cavalo de Troia pertence aos troianos. Eles o aceitaram. Os discursos capitalistas, hegemônicos, fazem parte de nossa subjetividade. Nós os aceitamos. Porém, como um ato de ousadia, vamos sabotá-los. E é neste ponto que podemos pensar as demandas de internacionalização como o desejo de sabotar as hegemônias educacionais com o próprio discurso que as constitui. Spivak (2014) usa o termo sabotagem, porque se refere à destruição da máquina do mestre por dentro. A ideia é entrar no discurso hegemônico, racionalizante, por



meio de uma estética conhecida, ou seja, o cavalo de Troia, de modo que possamos dar a volta por dentro, pois a única forma de sabotar alguma coisa é estar trabalhando intimamente com ela. Não se trata da destruição das máquinas, mas usar as máquinas para fazer outra coisa. Desta forma, as metodologias ligadas à perspectiva de internacionalização, o cavalo de Troia, e o conceito de sabotagem de Spivak (2014) expressam o desejo de construir a diferença na educação sem abandonarmos ou desconsiderarmos as máquinas que nos constituem, as racionalidades hegemônicas que cortam as universidades e escolas em diferentes níveis.

Demos um passo atrás. Esta expressão de demanda requer um distanciamento nesse momento. Se pensarmos na sabotagem por meio de um cavalo de Troia, processos metodológicos articulados à perspectiva de internacionalização, estamos diante de sujeitos que conhecem e têm consciência que são ecos do capitalismo hegemônico e que, ao mesmo tempo, carregam a alavanca de Arquimedes. Estamos diante de uma hegemonia que empurra os sujeitos e as linhas de força capitalistas para a perspectiva de internacionalização, mas que, ao mesmo tempo, sabota as estruturas, emancipa a si mesmo como construtor do conhecimento.

A demanda de internacionalização dos cursos de pós-graduação no Brasil, o estrato que expressa o desejo de sabotagem, não dicotomiza os tipos de sujeitos, eco e construtor, como vimos anteriormente, porém, atribui novos contornos às justificativas do crescente desejo de sujeitos que se percebem vinculados à perspectiva de internacionalização no Brasil. Podemos pensar em um devir cavalo de Troia, ou em um devir sabotagem, que utiliza as máquinas hegemônicas para fazer outras coisas, como quer Spivak (2014). A perspectiva de internacionalização parece formar uma espécie de campo gravitacional, onde o capitalismo mais perverso, aquele que capta o diferente culturalmente situado e o estratifica, e os movimentos de sabotagem, emancipação em nível de subjetividade, pertencem ao mesmo espaço.



E é neste espaço de luta epistêmica, cultural, filosófica, sociológica, rizomática, que a demanda se justifica. Porém, a perspectiva de internacionalização tem como características as linhas de racionalização, metodologias que camuflam sua entrada no ambiente educacional. O cavalo de Troia, as metodologias de sabotagem pertencem a uma estética racional que tem a potência de transformar. São as metodologias de internacionalização cobertas por um verniz pautado na racionalização, que, a princípio, geram uma mais valia simbólica estratificada, e que, posteriormente, são adotadas pelas máquinas capitalísticas, sabotam as hegemonias por elas mesmas. É a máquina contra a máquina, a racionalização capitalista contra ela mesma.

A estratificação discursiva rizomática, as linhas capitalísticas que movem os sujeitos, a perspectiva de internacionalização, os discursos de emancipação, a filosofia, o construtor, o cavalo de Troia que representa as linhas de racionalização, a sabotagem, se movem de formas diferentes no tecido social. Os estratos, em uma perspectiva geológica, se formam a partir da velocidade do vento, da água, da estrutura do solo, da areia, dentre outros. Deleuze e Guattari (2014) afirmam que as camadas geológicas discursivas geram uma espécie de topologia do pensamento, que, em última análise, é o próprio tecido social, sem dentro e sem fora. Sujeito e sociedade formam uma única paisagem. Nessa esteira, o pensamento se forma a partir de uma geografia do pensamento. Doravante, pensemos na geografia da geografia, pensar sobre o pensar, na dinâmica das topologias de pensamento.

A geografia das demandas de internacionalização, dessa forma, perpassa diferentes estratos, encontros, desencontros rizomáticos. Porém, se partirmos do pressuposto que as demandas são desejos, retornamos ao ponto inicial, qual seja, os processos de subjetivação. Processos infinitesimais, microgeografias, que se justificam pela complexidade rizomática social. É como se as linhas de força social só pudessem ser analisadas em nível de subjetividade, justamente pelos níveis de complexidade social observados em nosso momento histórico. E é neste nível que as demandas se tornam inteligíveis, observáveis. Os estratos perdem



velocidade, a expressão das demandas se prende no sujeito, surgem os tipos, classificações, sujeito capital, sujeito construtor, sujeito da sabotagem.

Nos espaços de inteligibilidade, a gravidade é maior, os movimentos são opacos, as demandas de internacionalização tomam a forma de um desejo subcutâneo. Neste nível, temos três tipos de sujeitos que expressam as demandas de internacionalização nos cursos de pós-graduação no Brasil. O sujeito do capital, imbuído de uma racionalidade que alimenta o capitalismo pós-moderno e permite a legitimação reta de um único caminho a ser percorrido – é o eco do capitalismo na perspectiva de internacionalização. O sujeito construtor, com sua testa franzida e a alavanca de Arquimedes, procura pontos de apoio na direção da emancipação, nos estudos culturais, na filosofia e sociologia. E, por fim, o sujeito da sabotagem, percepção pós-colonial que considera as hegemonias e os limites não marcados de cada cultura. O sujeito da sabotagem se constitui no interstício fluido das sociedades pós-modernas e a violência das correntes hegemônicas que operaram os campos de batalha. Somos o refugio das máquinas; não as negamos. Pelo contrário, damos positividade e destruimos suas estruturas de dentro para fora. Máquinas contra máquinas, um desejo plantado no coração de Troia.

O sujeito das demandas, ou a demanda dos sujeitos, as expressões estratificadas se prendem na pele. O sujeito do capital flutua sobre as linhas rizomáticas capitalistas, justifica sua ação por meio de uma racionalidade universal que supera os limites de qualquer cultura. Efeito Doppler com relação ao observador, escritor, filósofo ou sociólogo. Trata-se de uma tecnologia sofisticada onde a estratificação capital move o sujeito do capital na direção dele mesmo. Ou seja, “quanto mais você obedece aos enunciados da realidade dominante, mais comanda como sujeito de enunciação na realidade mental, pois finalmente você só obedece a você mesmo, é a você que você obedece!” (DELEUZE E GUATTARI, 2014 p.89). Estamos diante de uma nova forma de escravidão, ser escravo de si mesmo. Escravidão feita a distância, que cria demandas, desejos de estratificar as potências sem nome, culturalmente



diversas, a uma perspectiva que se legitima e se objetiva internacional – direito e dever de nomear o diferente cultural, local de estratificação capital, local de batismo, local onde os subalternos criam estratégias de dominação, de captura, é o subalterno construindo novos subalternos.

O sujeito construtor está em devir invisível. Articula-se aos discursos filosóficos, sociológicos, estudos culturais, e carrega em seus ombros as marcas da alavanca de Arquimedes. Observa a si mesmo como construtor, emancipado pela violência e pelas dinâmicas do não existir. Um avatar dos filósofos pós-modernos, construtores conceituais no sentido de Deleuze e Guattari (2010). A perspectiva de internacionalização, deste modo, se caracteriza como um território, uma geografia onde os saberes culturais circulam e se constituem como a matéria prima da criação, como as peças de um quebra-cabeça intercultural. O desejo pela perspectiva de internacionalização, que se expressa por meio do sujeito construtor, está em devir, se desloca nas mais diferentes direções, percorre as camadas epistêmicas geograficamente situadas. Se o sujeito capital tem como horizonte a perspectiva de internacionalização para capitalizar seu poder. O sujeito construtor procura a mesma perspectiva para atuar nas sobras de forma positiva, coloca os mecanismos de captura, vinculados à perspectiva de internacionalização, na direção dos sentidos, na percepção do diferente no local que lhe resta.

O sujeito da sabotagem está em outro nível de compreensão. Continua estratificado, não está em um espaço platônico. A diferença está na percepção do acontecimento que a perspectiva da internacionalização promove no campo da educação. Existe uma união, no sentido matemático, entre o próprio discurso de internacionalização e suas metodologias racionais, o nosso cavalo de Troia, a filosofia da diferença, e a ideia de sabotagem de Spivak (2014). O sujeito da sabotagem sente a gravidade de nosso momento histórico, se move pelo cheiro, evita o olhar da racionalidade edificada. Sente na perspectiva de internacionalização uma oportunidade de colocar as máquinas contra elas



próprias, assim, acontecimento, racionalidade e estética se movem em uma espécie de lógica dos sentidos.

Estes são alguns dos caminhos, estratos que expressam as demandas de internacionalização na educação e nos cursos de pós-graduação no Brasil. As camadas discursivas são rizomáticas, porém, em nível fractal, se tornam inteligíveis. Desta forma, pensar as demandas como desejo de sabotar, subjetividades que se vinculam aos agenciamentos capitalísticos, ou aos discursos de emancipação, nos permite pensar nos problemas iniciais, nas respostas que a perspectiva de internacionalização conjura.

4 A EDIFICAÇÃO DO PROBLEMA

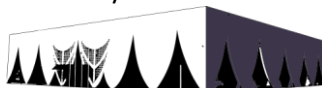
Discutir as demandas de internacionalização nos programas de pós-graduação brasileira em uma perspectiva filosófica caracterizou-se como o objetivo deste trabalho. Analisamos o pano de fundo em uma perspectiva social rizomática, os agenciamentos e os espaços estratificados. Logo em seguida, reduzimos a velocidade para articular as demandas como desejo que em nível de subjetividade se apresenta como sujeito capital, sujeito construtor e sujeito da sabotagem. Pensar nas demandas de internacionalização nos cursos de pós-graduação no Brasil é procurar aquilo que expressa este desejo, seja em nível geográfico, estratos e agenciamentos, ou nos processos de subjetivação onde este fenômeno é observado de forma estreita.

Porém, ao analisarmos as demandas de internacionalização no espaço da educação de um ponto de vista filosófico, de alguma forma nos remete a pensar nos problemas iniciais. A perspectiva de internacionalização tem a pretensão, em seu horizonte epistemológico e metodológico, de atribuir positividade às diferentes experiências culturais que podem ser vivenciadas nas escolas e universidades. Ou seja, as hegemonias culturais, monoculturas do saber, epistemologias transcendentais, são consideradas como agentes redutores da experiência do sujeito na sociedade e na educação. Deste modo, podemos nos



perguntar: quem edifica os problemas da perspectiva de internacionalização? Esta pergunta pode ter várias respostas, contudo, duas ganham força neste momento. A primeira, talvez em sentido cronológico, se articula aos conflitos culturais observáveis, a diferença no modo como os povos observam a realidade, ou seja, a cultura como expressão da consciência de um povo, singular, munido de uma característica geográfica que permite identificar o dentro e o fora. Nesse sentido, os problemas de internacionalização se situam na legitimação desta diferença e na entrada destas discussões no meio educacional. A segunda é em uma perspectiva discursiva, onde as instituições criam agenciamentos discursivos, tecnologias de poder que legitimam e produzem processos de captura. Deste ponto de vista, os problemas de internacionalização são criados com intencionalidade. O capitalismo, por exemplo, se vale dos discursos de globalização, hegemônicos em nosso momento histórico, para instalar uma perspectiva que se define internacional, mas que em seu interior esconde o oposto, no que se refere à legitimação das diferentes culturas. Doravante, podemos repetir a pergunta de forma um pouco diferente: quem edifica os problemas da perspectiva de internacionalização no espaço da educação?

Podemos pensar que os problemas são criados em um espaço administrativo social, ou como preconceito infantil, porque são os professores que nos dão os problemas a serem resolvidos. Assim, vale destacar que, ao analisarmos as demandas de internacionalização, o local de construção de seus problemas nos revela os motivos, os objetivos dos processos de agenciamento e subjetivação. As diferentes subjetividades que expressam as demandas de internacionalização no espaço da educação passam necessariamente pelos locais onde os problemas são criados. Neste instante, não existe diferença entre a edificação dos problemas e suas possíveis respostas. Problemas, perguntas e respostas estão diretamente relacionados ao local de construção, seja no meio capitalista, filosófico, sociológico ou nas artimanhas da sabotagem. Ou seja, as demandas de internacionalização ganham diferentes roupagens, dependem do local onde os problemas são construídos discursivamente.



Se as demandas de internacionalização são os desejos, sejam eles observados nos estratos, agenciamentos rizomáticos, ou em nível de subjetivação nas figuras do sujeito capital, sujeito construtor e da sabotagem, todos representam uma geografia onde os problemas são construídos. Deste modo, talvez estejamos apenas sentindo as vibrações do ambiente. Porém, podemos em um futuro próximo, deslocar os problemas que se vinculam à internacionalização para a imanência, isto é, não depender dos problemas construídos em um espaço externo que tira a autonomia desta perspectiva de criar suas próprias teses. Podemos chamar isto de liberdade, a não dependência de um espaço administrativo social que cria os problemas a serem resolvidos, e que, em última análise, escraviza professores e pesquisadores com esta dinâmica. Neste instante, a criança não é apenas uma resolvedora de problemas arquitetados pelos professores. Ela cria; ela toma para si a liberdade de pensar. Estamos na imanência, estamos a edificar nossos próprios problemas.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Legisladores e Interpretes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- CANDAU, V. M. **Sociedade, Educação e Culturas(s)**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paula. Editora 34. 2010.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Coleção Trans. 2014.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 2. São Paulo: Coleção Trans. 2015.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. São Paulo: Vozes. 1996.



SANTOS, B. S. **Pedagogias pós-abissais: as epistemologias do Sul e a defesa da universidade.** Local: CES – Universidade de Coimbra. 2019. 210 minutos. Disponível: <http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/audiovisual/boaventuras-videos/?lang=pt>. Acesso em: maio de 2019.

SANTOS, B. S. **Para uma sociedade da ausência e uma sociedade das emergências.** Revista crítica das ciências sociais. 2002. p. 237-280.

SPIVAK, G. C. (2014), **Entrevista** concedida a B. Evas. The New York Times, 13 de Jul. 2016.

Recebido: 11-06-2019

Aceito: 29-08-2020

